

VESTÍGIOS DE UMA ESCRITA INICIAL: a constituição dos gêneros discursivos através do Paradigma Indiciário em produções de crianças em fase de alfabetização

Daniela Campregher¹

Fabiana Giovaní²

08- Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: À luz da perspectiva teórica de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, voltamos nosso olhar para textos produzidos por sujeitos historicamente situados e propomos uma investigação da multiplicidade de sentidos da linguagem escrita sob a teoria dos gêneros do discurso. Partimos, portanto, do pressuposto de que os sentidos do texto escrito são constituídos de maneira dialógica, para perceber como os indícios dos gêneros discursivos, em suas características relativamente estáveis, emergem nos escritos de crianças de um terceiro ano do fundamental de um colégio público federal. A análise, guiada pela metodologia do Paradigma Indiciário (GINZBURG, 1989), evidencia os traços de estilo, tema e construção composicional, além da alteridade e apropriação ativa e responsiva da linguagem escrita.

Palavras-chaves: Escrita; Círculo de Bakhtin; Gêneros do discurso; Alfabetização.

Introdução

A teoria bakhtiniana tem apresentado papel fundamental nos debates em contexto escolar, sobretudo se pensarmos na escrita. Situando nossa pesquisa sob a perspectiva de Bakhtin e seu Círculo de estudiosos, buscamos desenvolver e analisar textos produzidos por crianças em fase de alfabetização a fim de compreender a multiplicidade de sentidos da linguagem escrita à luz da teoria dos gêneros do discurso.

Reconhecemos, assim, a importância da interlocução, o que implica um *eu* e um *outro*, espaço de formação das individualidades o qual se dá na *alteridade*³ (GERALDI, 2013). No centro desse encontro de vozes, mediado, neste caso, pelo texto, estão sujeitos reais e suas vivências que dialogam, sendo o resultado desta interação a construção de sentidos para o texto escrito (GIOVANI; SOUZA, 2017, p. 137).

É nessa perspectiva que nos dispomos diante do *ato responsivo*, compreendendo a

¹ Graduanda em Letras- Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: danielacampregherferreira@gmail.com.

² Prof^a Dr^a do curso de Letras- Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: fabianipampa@gmail.com.

aula como acontecimento (GERALDI, 2010) e a alfabetização como processo dialógico entre sujeitos historicamente situados. Defrontamo-nos com a alfabetização não como um processo mecânico de decodificação, desconectado da realidade concreta, mas como um período em que os sujeitos se apropriam de um instrumento cultural:

Considerar a criança como sujeito autor em constituição, que se apropria do texto escrito na/a partir da interação com a escrita e, principalmente, com o outro, é compreender melhor as representações dos aprendizes sobre o texto escrito, as hipóteses que eles (re)elaboram, as particularidades e convergências de seus percursos marcados por uma subjetividade socialmente constituída. (GIOVANI, 2010, p. 20).

Nesse caminho interpretativo somos guiadas pela metodologia do Paradigma Indiciário (GINZBURG, 1989) a perseguir os vestígios desse evento singular. Temos como recorte as produções de uma turma de um terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública federal, realizadas através de uma Oficina de Escrita⁴.

2 Trilhando percursos teóricos

À medida que concebemos a linguagem como uma atividade humana (FRANCHI, 1992, p. 35), considerando que nela nos constituímos e internalizamos os signos que a compõem, admitimos sua natureza ideológica, uma vez que na palavra “se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social” (BAKHTIN, 2006, p. 106). Cada sujeito está imerso em um complexo de signos que foram antes de outrem e tornam-se seus, proferidos em interpelação aos outros em forma de diálogo.

Junto a isso, Geraldi (2013) explana que o princípio da *alteridade* está presente em toda a obra bakhtiniana. A constituição do sujeito ocorre, segundo Bakhtin e seu Círculo, por assimilação da palavra do *outro*. Essa assimilação, entretanto, não é passiva: cada sujeito irá apropriar-se da realidade material à sua maneira, posicionando-se a partir de seu *ato singular* (PONZIO, 2010). Assim sendo, os signos não apresentam uma relação de biunivocidade, mas são plurivocais (GERALDI, 2013), marcados pela multiplicidade de entoações que os interpenetram e pelo tom *emotivo-volitivo* de cada sujeito.

Um conceito também de suma importância para entender o que propomos nesse trabalho é o de *cronotopia*, a relação tempo-espço envolvida na produção do discurso:

O cronotopo liga-se ao que Bakhtin denomina “grande temporalidade”, podendo, portanto, ser conceituado como “a expressão de um grande

³ Para Bakhtin, é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem. “O ser reflete no *outro*, refrata-se. [...] E esse processo não surge da própria consciência, é algo que se consolida socialmente, através das interações, das *palavras*, dos *signos*.” (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso, 2009, p. 13, grifo dos autores).

⁴ A Oficina de Escrita envolveu análise e discussão de dados de crianças em processo de alfabetização através de um projeto realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. A coleta dos textos foi realizada no mês de outubro de 2022 por um grupo de três graduandas do curso de Letras-Língua Portuguesa da UFSC, sendo uma delas autora deste trabalho.

tempo”. Enquanto o espaço é social, o tempo é histórico, pois é a dimensão do movimento no campo das transformações e dos *acontecimentos*. (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso, 2009, p. 25, grifo dos autores).

Outra contribuição inegável do Círculo é a concepção de gêneros do discurso. Para Bakhtin, o enunciado, ou seja, a unidade real da comunicação discursiva (BAKHTIN, 1997), é a materialização da língua. Os gêneros do discurso, formas relativamente estáveis de enunciados, trazem o novo, a singularidade, articulado, ao mesmo tempo, à generalidade, à permanência, porque não são uma construção normativa, mas um *vir-a-ser* concreto cujas regras supõem uma dada regularidade e não fixidez (SOBRAL, 2009). Essa tensão permanente faz surgir, a cada instante, novos gêneros discursivos, que através do tempo, vão incorporando e modificando certas características.

Os elementos que compõem os gêneros discursivos são o conteúdo (temático), o estilo da linguagem (recursos fraseológicos, lexicais e gramaticais) e a construção composicional. “Estes três elementos fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação.” (BAKHTIN, 1997, p. 280). Admitimos, porém, que apesar desses três elementos estarem relacionados, pode haver um sobressalto de um sobre o outro, a depender da autoria e da situação de uso.

Diante disso tudo, a arquitetura bakhtiniana nos permite olhar para a escrita como forma concreta de enunciado e como um elo na cadeia discursiva. Se tomarmos essas concepções à educação, nos vemos diante de um modelo que centra o ensino nas práticas, aberto a aprendizagens, sem definição prévia e fixa de pontos de chegada, valorizando mais o processo do que o produto (GERALDI, 2009, p. 78). Defendemos, assim, que um texto só pode ser interpretado e plenamente compreendido quando dentro de algum contexto comunicativo e em diálogo entre o *autor* e o *leitor*. “O texto traz potenciais de sentido, é uma materialidade com a qual são instaurados sentidos a partir da produção do discurso (SOBRAL, 2012, p. 34).

3 Metodologia

Colocar-se à frente de um objeto de estudo requer um posicionamento teórico que guie esta investigação. Para tanto, abandonamos a posição epistemológica que somente admite como científico o enunciado daquilo que é repetível e estável: pelo contrário, buscamos a singularidade, o caráter único da discursividade.

Em vista disso, este trabalho situa-se dentro do campo das ciências humanas, caracterizando-se como uma pesquisa de caráter qualitativo, que a partir da arquitetura bakhtiniana pretende voltar-se para o texto a fim de compreendê-lo como unidade real do

discurso. Valendo-se de um caráter *heterocientífico* do saber, dotado de suas próprias leis e critérios internos de exatidão (BAKHTIN, 1997, p. 403), buscamos uma metodologia que permita um olhar minucioso, alinhado à complexidade que requer o ser humano. Nesse contexto, a metodologia do paradigma indiciário, fundamentada na investigação de “pistas” ou “indícios” reveladores dos fenômenos da realidade, faz-se em concordância com a teoria de Bakhtin. O historiador italiano Carlo Ginzburg (1989) buscou em seus estudos elucidar como emergiu, no âmbito das ciências humanas, um modelo epistemológico cujas raízes se encontram nas primeiras práticas humanas:

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco [...]. O caçador teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos (GINZBURG, 1989, p. 152).

Esse conhecimento transmitido por gerações teve como veículo sobretudo a oralidade, especificamente, as narrativas de fábulas. O saber transmitido caracterizava-se pela capacidade de, partindo de dados aparentemente irrelevantes, permitir reconstruir uma realidade complexa e não experimentável diretamente (GIOVANI, 2010, p. 116). Admitimos, portanto, que a interpretação não é neutra e não pretende ser (GERALDI, 2012), visto que, em concordância com o conceito de *cotejo de textos*⁶ buscamos recuperar um elo na cadeia discursiva, ou seja, como um enunciado se constitui no diálogo com os textos que o precederam e com os que o sucederão (GIOVANI; SOUZA, 2017, p 143-144).

Para tanto, propusemos em outubro de 2022 uma atividade de produção textual com alunos do 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública federal. A turma, composta por 22 alunos, realizou uma atividade aplicada em duas aulas de 50 minutos por três graduandas do curso de Letras- Língua Portuguesa da UFSC.

A oficina de produção textual foi baseada no quadro *Agora é sua vez* do programa televisivo *Quintal da Cultura*, no qual os apresentadores constroem uma história a partir de imagens e/ou objetos sorteados aleatoriamente. Adaptamos a dinâmica utilizando uma “caixa de surpresas” que continha objetos a serem sorteados. Tendo em vista o ano de 2022 e a iminente Copa do Mundo FIFA, optamos por circunscrever a dinâmica a essa temática.

A atividade consistia na criação de uma narrativa que contivesse, de algum modo, os objetos retirados da caixa. Enfatizamos que em nenhum momento delimitamos algum gênero discursivo aos alunos. A temática também ficava sob autoria dos alfabetizandos, uma vez que poderiam criar qualquer história desde que nela se fizessem presentes os objetos. Assim sendo, quatro itens foram sorteados: uma meia, a bola, a taça e um cartão vermelho.

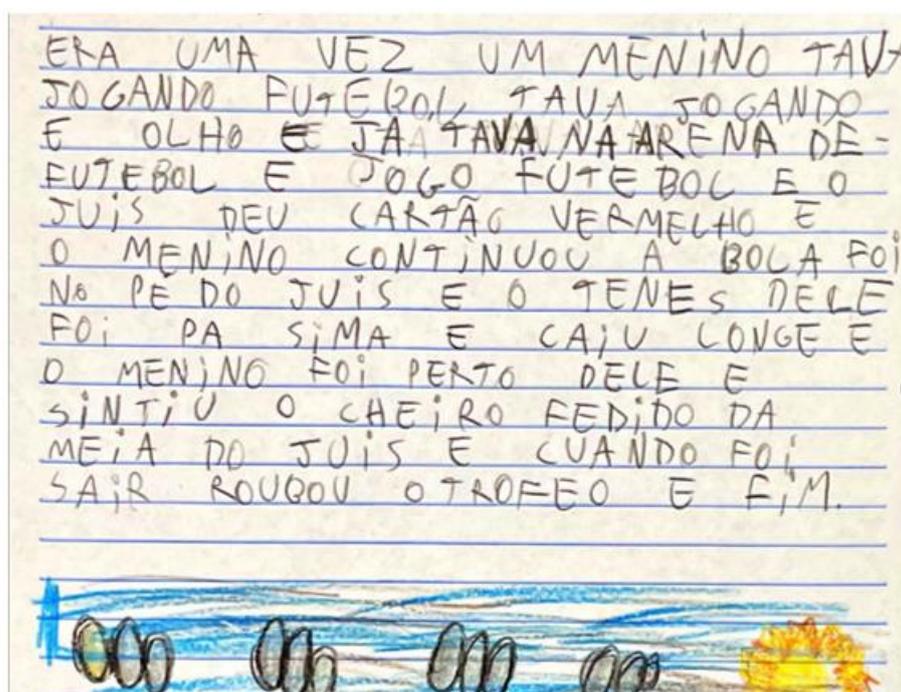
⁶ “O texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que o texto participe de um diálogo.” (BAKHTIN, 1997, p. 405).

Com respaldo da teoria do dialogismo do Círculo de Bakhtin e do paradigma indiciário de Ginzburg (1989), na próxima seção seguiremos vestígios que apontem para a singularidade do escrever e da produção de sentidos de crianças ainda no seu início de relação com a escrita sistematizada.

4 Resultados e Discussão

Objetos sorteados, lápis à mão e se inicia a produção. Logo o que nos chama a atenção é o modo como muitos alunos iniciam as suas narrativas: *era uma vez*. Mesmo sem delimitação composicional, muitos optaram pela estrutura característica dos *contos de fada*, levantando a hipótese de que estão imersos nesse universo literário. Os contos de fada, histórias que geralmente envolvem personagens fantásticos, podem ser aliados no desenvolvimento da leitura e da escrita dos discentes, sendo que “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto onde a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte da vida do aluno” (SOARES, 2003, p. 3). Esses sinais nos remontam, também, à familiaridade que as crianças apresentam a esse gênero, sentindo-se mais confiantes a escrever neste modelo. Interessante pensar, porém, que a estrutura *Era uma vez* e *fim* são mantidas, mas a temática fantástica, muitas vezes, não. Podemos seguir um caminho interpretativo que nos leva ao sobressalto das construções composicionais em detrimento de outros aspectos, pelo menos nesse início de produção textual.

Texto 1

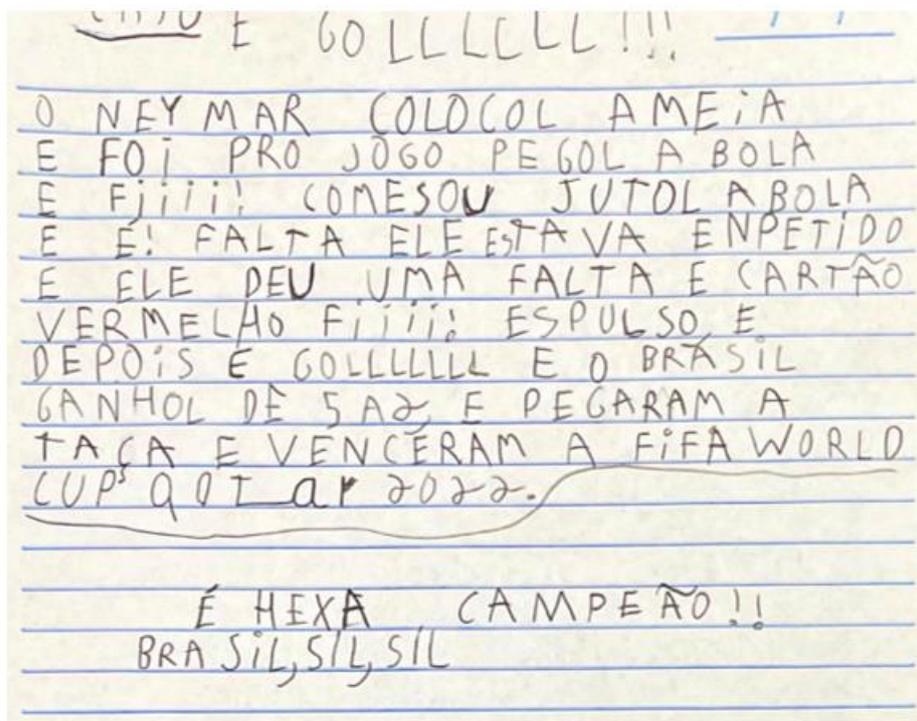


Fonte (própria das autoras)

O texto 1 nos dá indícios da estrutura composicional de que tratamos anteriormente. Além disso, podemos observar traços do *eu* em seu ato criativo do escrever. Seguindo a proposta, constrói-se uma história: há um início, um desenvolvimento e um fim. Podemos pensar nessa relação *plurivocal* que carrega os dizeres do infante, que partindo de seu poder de autoria, cria uma narrativa excêntrica, com traços de seus próprios conhecimentos de mundo. Como apontado anteriormente, apesar do uso da estrutura dos contos de fada, a história não necessariamente segue uma linha fantástica, nos levando ao que postula Bakhtin (1997) sobre as possibilidades da multiforma atividade humana e o caráter dinâmico dos gêneros do discurso.

Seguindo os passos de como a criança, ainda em fase de alfabetização, articula-se a enunciados vivos e concretos, percebemos haver marcas de um estilo próprio, da *alteridade* marcada nas entrelinhas do papel. Segundo Bakhtin (1997) o elemento expressivo determina a composição e o estilo do enunciado, uma vez que revela uma relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Vejamos o texto 2:

Texto 2



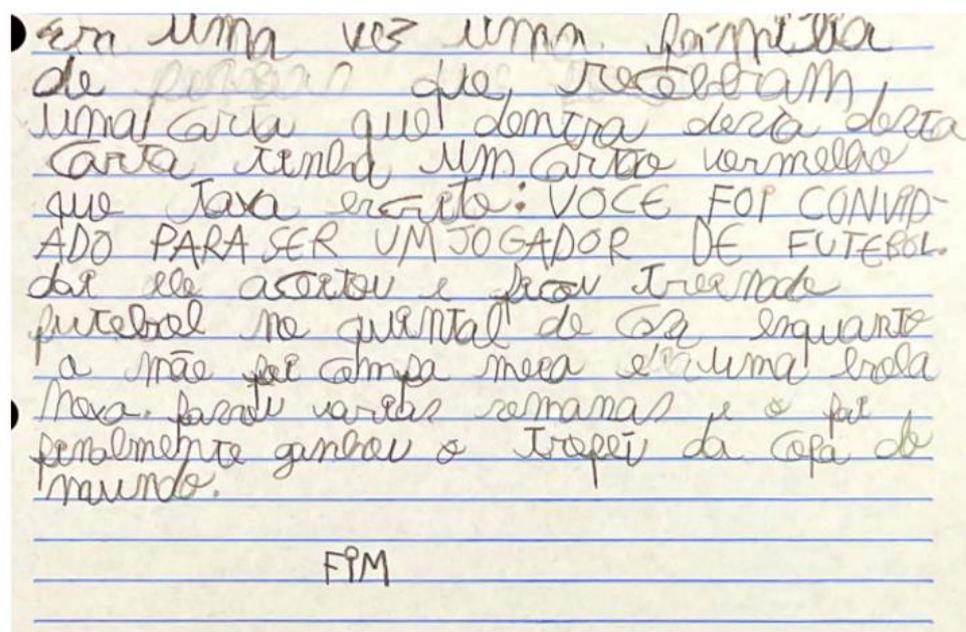
Fonte (própria das autoras)

Continuando nosso percurso, nos defrontamos com o Texto 2. Vários aspectos nos travam reparo, a começar pelo título: “É gollllll!!!”: fica nítida a marca de oralidade ali ecoada. O autor inicia com a escolha de um jogador de futebol específico, o Neymar, e segue

citando um dos objetos da caixa de surpresas, a meia. Decorre-se uma narração sequencial, assemelhando-se a uma descrição dos fatos que se sucedem: coloca a meia, vai para o jogo, chuta a bola, etc. Mas o mais interessante está nas marcas estilísticas que o infante traz para sua escrita repleta de oralidade: pontos exclamativos, repetições de letras e onomatopeias. De imediato, nos recordamos das narrações futebolísticas típicas da esfera televisiva ou radialística. O que nos parece, para tanto, é que o autor transpõe um gênero oral comum de suas interações sociais para um gênero escrito, a narrativa. Esta transposição nos dá sinais da interação do infante com a escrita, partindo de suas vivências em movimento dialógico com gêneros. O autor se sentiu à vontade, mesmo em uma situação institucional escolar, para escrever a seu modo, partindo de seu contexto vivido.

Para finalizar, olhemos o Texto 3.

Texto 3



Fonte (própria das autoras)

Para além da estrutura composicional do conto, percebemos que a temática toma rumos distintos das anteriores: o pequeno autor aproxima-se de uma atividade comezinha. Retrata, para isso, a história de uma “família de pessoas”, em que os sinais de apagamento mostram o recuo na interação com a escrita, o *vai e vem* do fluxo que envolve o ato de escrever.

Ele continua com uma situação inusitada: a família recebeu uma carta que havia um convite para o filho ser jogador de futebol. Interessante olharmos para o fato de, no convite da carta, as palavras estarem todas em letras maiúsculas. Isto nos faz pensar que o aluno quis salientar que aquilo se diferencia das outras palavras da história: trata-se de outro gênero. Haveria, assim sendo, uma interpolação de gêneros discursivos. Esse hibridismo nos leva a indícios de que o aluno estabelece um diálogo entre os gêneros dando sentido à

atividade proposta e confirmando que em seu processo de apropriação da escrita dialoga não somente com os saberes escolares, mas com uma gama de saberes advindos das diversas situações que participa enquanto sujeito.

5 Considerações Finais

Na esteira da teoria bakhtiniana, propusemos recuperar um percurso trilhado por crianças em fase de alfabetização em sua interação com a escrita, mergulhando nos indícios que deixaram em suas produções acerca do domínio e das características relativamente estáveis dos gêneros discursivos - estilo, tema e construção composicional - e no conhecimento sobre a realidade que os cerca. O sujeito que escreve, mesmo em sua fase inicial de vida, não entra nesse espaço mudo, mas na sua alteridade em relação ao *outro*.

O nosso movimento interpretativo foi assumido através de uma posição heterocientífica diante do nosso objeto – a escrita – seguindo rastros em busca da singularidade. Assim, nossa escolha metodológica, o paradigma indiciário de Ginzburg (1989), nos permitiu uma análise do texto em sua integridade, sem a busca de generalizações ou verdades absolutizadas. Em síntese, as pistas desveladas por meio dos textos aqui analisados – dentro do seu contexto, espaço e tempo – estabelecem diálogos e se incorporam com o já vivido e as formas de interação humana, imersas nos gêneros discursivos, tanto no âmbito da esfera cotidiana, como na esfera escolar. As narrativas dialogam, também, com o interlocutor, fornecendo infinitas possibilidades para que o pesquisador interagisse com as palavras dos pequenos autores e as redefinisse a partir de suas próprias palavras.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

FRANCHI, C. LINGUAGEM - ATIVIDADE CONSTITUTIVA. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 22, 2012. DOI: 10.20396/cel.v22i0.8636893. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636893>. Acesso em: 25 mar. 2023.

GERALDI, J. W.. **Deslocamentos no ensino**: De objetos a práticas; de práticas a objetos. Mesa-redonda “Gêneros discursivos e Ensino”, CELLIP, Cascavel, 2009.

GERALDI, J. W. A aula como acontecimento. In:_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. cap. 8, p. 81-101.

GERALDI, J. W.. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGe. **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João editores, 2012.

GIOVANI, F. **A ontogênese dos gêneros discursivos escritos na alfabetização**. 250f. Tese (Doutorado) – Programa de pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2010.

GIOVANI, F.; SOUZA, N. B. **Bakhtin e a Educação**: a ética, a estética e a cognição. 2.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGe). **Palavras e contrapalavras**: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2009.

PONZIO, A. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

SOBRAL, A. Ver o mundo com os olhos do gênero. In.: **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 85-103, 1o sem. 2009.